

Jonathan Conlin

O HOMEM MAIS RICO DO MUNDO

AS MUITAS VIDAS DE CALOUSTE GULBENKIAN

Tradução de

MANUEL SANTOS MARQUES



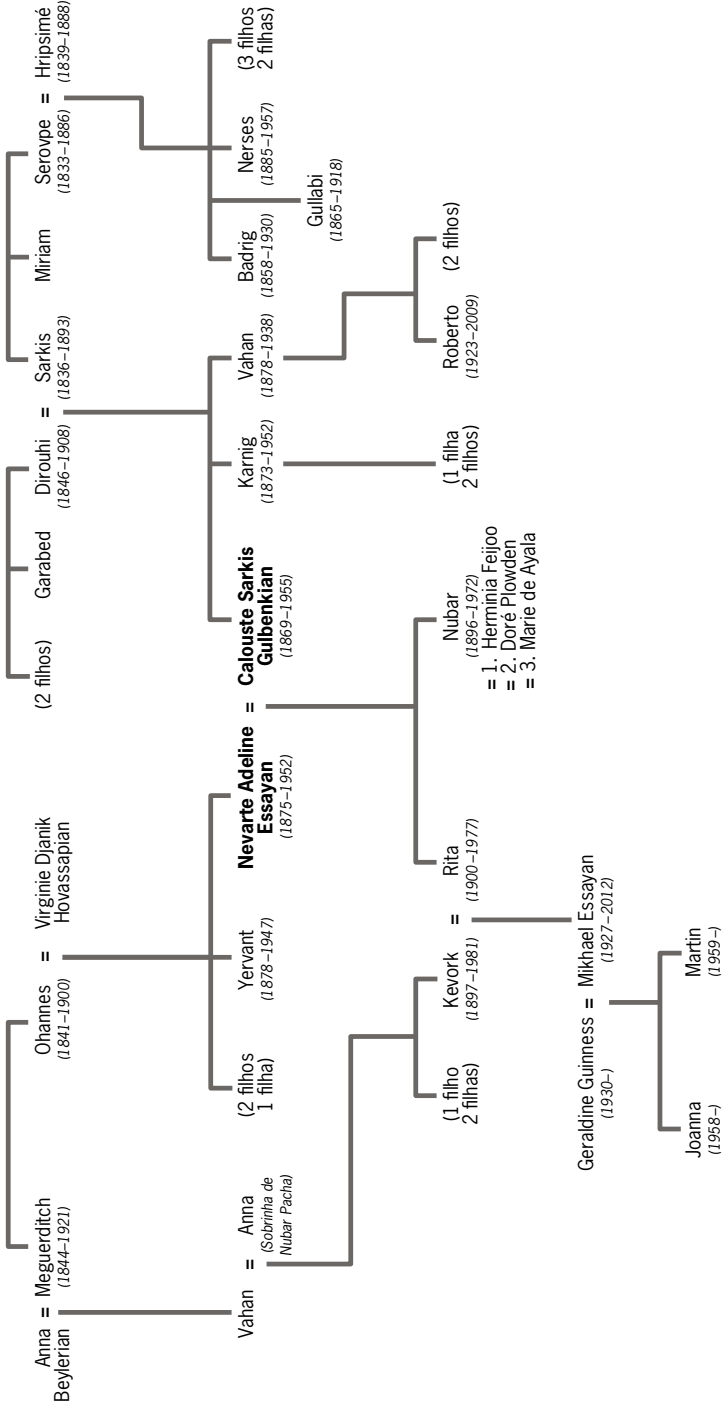
Dedicado a Richard Roberts (1952-2017)

ÍNDICE

| | |
|---|-----|
| <i>Nota do Autor</i> | 13 |
| Introdução: Traçar a Linha | 15 |
| PRIMEIRA PARTE: Aprendiz, 1869-1914 | 23 |
| 1. Istambul, 1869 | 25 |
| 2. Marselha, Londres e Baku, 1883-1888 | 40 |
| 3. Um Jovem Apressado, 1889-1896 | 58 |
| 4. Nada Mais do que Um Desporto, 1897-1901 | 76 |
| 5. Asiático e Europeu, 1902-1908 | 92 |
| 6. Jovens Turcos, 1908-1914 | 108 |
| SEGUNDA PARTE: Arquitecto, 1914-1942 | 129 |
| 7. Desfraldar Mais Bandeiras, 1914-1918 | 131 |
| 8. Talleyrand, 1918-1920 | 150 |
| 9. Porta Aberta, Fileiras Cerradas, 1921-1923 | 171 |
| 10. O Fim da Contenda, 1924-1926 | 182 |
| 11. Lutar ou Fazer Amor, 1926-1928 | 199 |
| 12. O Grande Plano, 1928-1930 | 219 |
| 13. Senhor Presidente, 1930-1934 | 238 |
| 14. O Pobre Papá Paga, 1935-1938 | 257 |
| 15. Até que Termine, 1939-1942 | 276 |

| | |
|---|-----|
| TERCEIRA PARTE: Anacronismo, 1942-1955 | 293 |
| 16. País de Abundância, 1942-1944 | 295 |
| 17. Os Cães Ladram, 1945-1948 | 313 |
| 18. A Caravana Passa, 1949-1955 | 332 |
| Conclusão | 356 |
| Epílogo: O Espólio de Gulbenkian, 1956 | 365 |
| Apêndice: A Riqueza de Gulbenkian | 385 |
| Notas | 387 |
| <i>Fontes e Bibliografia Seleccionada</i> | 475 |
| <i>Agradecimentos</i> | 488 |

Os Essayan



Os Gulbenkian





NOTA DO AUTOR

Sobre os Nomes

Embora Gulbenkian se referisse à sua cidade natal por Constantinopla, em lugar de Istambul, ambos os nomes eram usados no século XIX. Em prol da simplicidade, optei por Istambul ao longo de todo o texto. Utilizo as grafias actuais sempre que refiro outros lugares situados na presente República da Turquia. Em consonância com a prática do *British Journal of Middle Eastern Studies* e outras publicações científicas, não translitero os antropónimos ou topónimos árabes, arménios ou persas quando existe uma versão europeizada (daí que Mossul e não Maussul).

Sobre Valores Monetários

Para oferecer um sentido de proporção, a alguns valores históricos referidos no texto segue-se de imediato o valor equivalente em libras esterlinas ou dólares norte-americanos entre parênteses (ou parênteses rectos, caso o valor surja numa citação). São estimativas do equivalente no Índice de Preços no Retalho de 2015 ao valor histórico em questão, produzidas com recurso à Calculadora do Poder de Compra, de Lawrence Officer e Samuel H. Williamson, disponível na Internet em www.measuringworth.com.



INTRODUÇÃO

TRAÇAR A LINHA

Todos os mapas têm a sua lenda. O mapa associado ao Acordo da Linha Vermelha de 31 de Julho de 1928 não constitui excepção. Este acordo foi o momento em que as companhias que conhecemos como BP, Total, ExxonMobil e Royal Dutch-Shell uniram esforços no Médio Oriente. Em lugar de disputarem entre si o domínio do petróleo da região, viriam a colaborar num empreendimento conjunto: a Turkish Petroleum Company. A TPC foi o bebé de Calouste Gulbenkian, ou antes a sua «casa», fundada em 1912. Em 1914, o Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico deralhes a sua bênção: potências rivais iriam cooperar não só nas províncias otomanas ricas em petróleo de Mossul e Bagdade, mas em todo o «Império Otomano na Ásia».

Contudo, em 1928, o «Império Otomano na Ásia» era uma recordação distante. O império desabara na Primeira Guerra Mundial, desencadeando uma vaga de violência genocida que matou um milhão dos compatriotas arménios de Gulbenkian. Uma miscelânea de mandatos e protectorados franceses e britânicos estavam a evoluir para novos estados-nação que hoje conhecemos como Iraque, Jordânia e Arábia Saudita. Assim, previsivelmente, quando foi necessário definir o «Império Otomano na Ásia» tal como fora em 1914, os negociantes de petróleo que estavam em Ostend, nesse dia, em 1928 confrontavam-se com uma situação crítica.

Tudo foi confuso até que Calouste Gulbenkian interveio:

Quando a conferência parecia prestes a fracassar, ele voltou a produzir uma das suas ideias luminosas. Pediu um grande mapa

do Médio Oriente, pegou num grosso lápis vermelho e traçou vagarosamente uma linha em torno da área central.

«Este era o Império Otomano que eu conheci em 1914», declarou. «E seria de esperar que eu o conhecesse: nasci nele, vivi nele e prestei serviço nele. Se alguém estiver mais informado, que tome a palavra [...]»

Os sócios de Gulbenkian na TPC observaram o mapa e aprovaram-no. Este relato, extraído da biografia de 1957, por Ralph Hewins, prossegue: «Gulbenkian erguera uma organização para o petróleo do Médio Oriente que durou até 1948: mais uma fantástica proeza de um só homem, nunca ultrapassada nos grandes negócios internacionais.»¹

Em 1916, o Acordo Sykes-Picot pusera procônsules imperiais lastimavelmente mal informados a trincar a Síria, o Iraque e a Jordânia mediante um conjunto de linhas rectas, linhas que não tiveram em consideração a geografia física ou humana. O exemplo mais significativo é talvez o «Espirito de Churchill», o recorte triangular na fronteira sul da Jordânia que teria resultado presumidamente de distração momentânea do estadista em 1921. No relato de Hewins, o gesto de Gulbenkian é mais perfeição sem esforço do que um espirito, e é acompanhado por afirmação de uma perícia de que careciam outros em volta da mesa, perícia resultante de experiência pessoal e profissional. Contudo, o tom e a gravidade do narrador conferem a Gulbenkian a autoridade do estadista para determinar o destino de milhões de uma penada.

Ao longo da sua vida, Gulbenkian evitou diligentemente a imprensa, a ponto de hoje aqueles que reconhecem o nome confundirem o reservado Calouste com o seu filho Nubar, sempre à procura de exposição; os londrinos, em particular, recordam afectuosamente o táxi guiado por motorista de Nubar. O secretismo de Calouste já antes tornou difícil apurar até factos básicos a respeito da sua família, educação e carreira. Muitos contemporâneos e alguns historiadores equipararam esse secretismo a duplicidade e não a modéstia. É habitual ver Gulbenkian referido como um «tenebroso manipulador arménio», uma figura «detestada» cuja influência, como os seus 5 por cento, derivou «da pródiga distribuição de subornos»².

Outras histórias do petróleo foram mais amáveis. Na sua história da indústria petrolífera, *The Prize*, galardoada com o Pulitzer, Daniel Yergin

mostra Gulbenkian ao nível dos grandes Rockefeller, Getty e Mattei, como «um dos grandes criadores-flibusteiros do petróleo»³. Se Calouste Gulbenkian é hoje conhecido, é-o como o homem que traçou a linha vermelha, um momento crucial na indústria do petróleo e do Médio Oriente. O Acordo da Linha Vermelha de 1928 incorporava a pretensão pessoal de Gulbenkian a 5 por cento do petróleo da TPC, uma pretensão que ele transferiu posteriormente para uma empresa, a Partex, que ainda hoje subsiste.

No entanto, num escrutínio mais aprofundado, a lenda desmorona-se. Embora o mapa tenha certamente estado presente até à fase final das negociações que culminaram em Ostend, Gulbenkian manifestou pouco interesse por ele. O mapa não é mencionado nas memórias que ditou para circulação privada em 1945. Ele nem sequer esteve em Ostend nesse dia fatídico. O episódio é um dos muitos mitos inventados pelo filho de Calouste, que nos diz mais a respeito dos sentimentos de Nubar pelo pai (orgulho, ressentimento, por vezes, afeição) do que do próprio homem.

Prescindir da lenda da linha vermelha pode parecer temerário para um biógrafo. No entanto, é importante reconhecer que os outros que estavam à volta daquela mesa eram impérios poderosos e empresas multinacionais, servidas por centenas de empregados, apoiadas por exércitos de soldados e marinheiros, bem como por contribuintes fiscais e accionistas. Dificilmente eles iriam deixar Gulbenkian, um indivíduo sem empresa ou Estado por trás, rabiscar linhas vermelhas nos seus mapas. Gulbenkian lutara duramente para levar os seus conflituosos parceiros britânicos, franceses e americanos a aceitarem coabitar na sua «casa», e derrotara com êxito tentativas reiteradas de afastá-lo. Contudo, ele não estava particularmente preocupado com o rumo da linha vermelha em si mesma. Nem era estilo seu pronunciar discursos bonitos. Trabalhou como facilitador de bastidores, um intermediário entre os mundos dos negócios, da diplomacia e da alta finança, uma figura muito diferente e mais interessante do que o Gulbenkian da lenda.

Como uma aranha no centro de uma indústria internacional petrolífera e financeira emergente, Gulbenkian manteve impérios e multinacionais como reféns durante mais de cinquenta anos. No entanto, não teria chegado a deter tanto poder se não fosse um negociador e um arquitecto financeiro excepcionalmente dotado. Produtores de petróleo

da Califórnia ao Cáucaso procuravam-no pela sua habilidade para angariar capital nos mercados bolsistas de Nova Iorque, Londres e Paris. Ele desempenhou um papel importante, ainda que não reconhecido antes, ao ajudar a Royal Dutch-Shell e a Total a estabelecerem-se como protagonistas no ramo do petróleo.

As intermediações de Gulbenkian apresentaram as companhias de petróleo norte-americanas ao Médio Oriente e levaram a Royal Dutch-Shell para a América, bem como para o México, a Venezuela e a Rússia. A indústria petrolífera embrionária que Gulbenkian encontrou no início da sua carreira, em 1900, estava dominada por um único produtor e uma única companhia: os Estados Unidos e a Standard Oil. Aquando da sua morte, em 1955, a indústria petrolífera mundial já não era um monopólio americano, mas um cartel internacional. Os membros deste cartel, chamados «Sete Irmãs», produziam cada um petróleo originário de vários países. Várias «irmãs» novas apareceram desde então. Contudo, a estrutura da indústria petrolífera de produção, integração e parcerias multinacionais continua a ser a mesma: a teia tecida por Gulbenkian permanece.

Nascido em Istambul em 1869, Gulbenkian chegou à maioridade no Império Otomano, para ver o mundo que lhe era familiar ser dilacerado pelo genocídio e pela guerra. Não foi o único arménio otomano a encontrar refúgio no Ocidente. No entanto, foi o único a prosperar extraordinariamente neste mundo estranho. Longe de o desencorajar, a destruição da sua pátria e uma personalidade solitária tornaram-se chaves para o seu sucesso: como homem reservado sem lealdades a qualquer império, Estado ou companhia, Gulbenkian pôde apresentar-se como o mais honesto dos intermediários. Para os «ocidentais», ele era uma fonte fiável de informação sobre o Médio Oriente. Para os «orientais», alguém a quem recorrer quando queriam saber o que andavam a magicar as Grandes Potências e as suas poderosas companhias petrolíferas. Isto foi tão verdade no caso do sultão Abdul Hamid II, em 1900, como nos do xá do Irão e de Ibn Saud, da Arábia Saudita, quatro décadas mais tarde. Gulbenkian era um diplomata simultaneamente ao serviço dos impérios otomano e persa. Até mesmo Estaline procurou o conselho de Gulbenkian, recompensando-o com obras de Rembrandt do famoso Museu do Hermitage. Nenhuma outra figura dos negócios na história da indústria petrolífera exerceu tanta influência, em tão larga escala e durante tanto tempo.

A história de Gulbenkian é de oportunidade. Quer olhemos retrospectivamente para a Primeira Guerra Mundial e o Acordo de Sykes-Picot há um século, ou consideremos a guerra em curso pelo controlo no Iraque, ou debates persistentes sobre capitalismo, política e identidade, Gulbenkian está escondido mesmo debaixo dos nossos narizes, a desafiar-nos a decifrar a fonte da sua riqueza e influência fabulosas. Como foi que um homem que nada sabia de geologia e que nunca visitou o Iraque, a Arábia Saudita ou qualquer dos Estados do Golfo reivindicou 5 por cento da produção de petróleo do Médio Oriente? Tendo assegurado esse prémio, como foi que conseguiu conservá-lo, tornando-se assim o homem mais rico do mundo? Como foi que um tímido solitário lançou pontes sobre os fossos entre o Oriente e o Ocidente que hoje parecem intransponíveis?

Gulbenkian construiu um palácio fabuloso em Paris que encheu com tesouros, não só quadros do Hermitage mas moedas gregas, antiguidades egípcias, tapetes persas, faiança Iznik e *netsuke*, botões japoneses minuciosamente esculpidos. Actualmente, as suas colecções estão depositadas em Lisboa, em anexo à sede da fundação que tem o seu nome e que continua a ser uma das fundações mais ricas do mundo. No entanto, pessoalmente, o grande coleccionador nunca dormia no seu palácio — vivia em hotéis. Tinha quatro passaportes diferentes e desejava que a sua fundação fosse igualmente internacional na sua ambição. Este espírito cosmopolita de independência reflectiu-se no mundo anterior a 1914 de circulação ilimitada de capital, tecnologia e pessoas. Esta globalização retraiu-se em seguida até à década de 1980. Agora a maré está de novo em refluxo: a liberdade de iniciativa e a liberdade de movimento estão sob ataque da direita e da esquerda. Disputas comerciais são engendradas. Sinistros «cidadãos de nenhures» são inventados. E as aclamações e os votos afluem. Decerto que Gulbenkian, o derradeiro «cidadão de nenhures», tem algo importante para nos contar neste momento da história.

Nas palavras recentes da Al Jazeera, Gulbenkian foi «o primeiro facilitador, intermediário e negociador do petróleo»⁴. Contudo, além de negociador, financeiro, coleccionador e diplomata, era também homem de família. Aqui revelado pela primeira vez, o vasto arquivo pessoal de Gulbenkian permite-nos avaliar o custo da incessante actividade dele para

os que amava. A solicitude dele como marido, pai e avô levaram-no a sujeitar a sua família a uma vigilância e controlo inexoráveis. Em momentos distintos, a mulher, o filho e a filha tentaram libertar-se. O filho chegou a levar Gulbenkian a tribunal. Nenhum logrou escapar a essa outra teia, a do dinheiro, do poder e da afeição que Gulbenkian tecera em torno deles. Há, portanto, muitos Gulbenkian a descobrir para lá do do Acordo da Linha Vermelha.

Na década de 1920, a linha que mais preocupava Gulbenkian era a que separava a Turquia do novo Estado do Iraque. Apesar de ser «turca», as relações da TPC com os turcos eram mediócras. O regime mandatário britânico no Iraque era mais propenso a confirmar os direitos da companhia ao petróleo de Mossul. Assim, para a TPC era crucial que as jazidas de petróleo ficassem do lado iraquiano de qualquer fronteira entre a Turquia e o Iraque.

Depois de a Conferência de Lausana de 1923 não ter conseguido chegar a um acordo, a fronteira em questão foi submetida à Liga das Nações. A Liga nomeou um antigo primeiro-ministro da Hungria, o conde Pál Teleki, para dirigir uma comissão de inquérito. Em Junho de 1925, Gulbenkian propôs conseguir que os mapas de Teleki fossem desenhados de modo a que as jazidas petrolíferas de Mossul ficassem do lado «direito» (iraquiano) da fronteira. O cartógrafo de Teleki, explicou ele aos seus colegas da TPC, era o antigo cartógrafo otomano, um arménio chamado Zatik Khanzadian. Khanzadian conhecia o papel de Gulbenkian na TPC e abordara-o por intermédio de um amigo mútuo da escola, Aram-Djevhardjian:

Khanzadian conhece todos os meandros e recantos daquele lugar e, como os outros membros [da comissão] não são cartógrafos, cabe-lhe a ele configurar o mapa de acordo com determinadas instruções relativas às posições topográficas; é-me dito que ele pode tomar as opções que quiser, e assim Khanzadian deseja entrar em contacto pessoal e confidencial comigo, confiando na minha posição e nome para conservar tudo [em segredo]. Ele está desejoso de saber quais são os pontos que a nossa companhia gostaria que permanecessem do lado do Iraque.⁵